

O DESIGN GORUTUBANO: ícones materiais do território de janaúba-MG

THE GORUTUBANO DESIGN: material icons from the territory of janaúba-MG

CUNHA, Ana Maria Vasconcelos; Graduada em Design; Universidade Federal de Juiz de Fora
anamaria.cunha@estudante.ufjf.br

BENATTI, Lia Paletta; Doutora; Universidade Federal da Juiz de Fora
lia.paletta@ufjf.br

Resumo

O presente artigo aborda sobre as tradições do povo Gorutubano exemplificando os principais pontos desse território que os levam a ter uma cultura rica e diversificada. A partir de uma pesquisa qualitativa que envolve levantamento e interpretação de dados de cunho etnográfico, o objetivo é reunir as tradições da cultura gorutubana, descrevê-las e demonstrar seu rico potencial de uso pelo Design para resgate e perpetuação dos costumes, bem como, o bordado típico gorutubano, que tem especialidades em pontos de bordados específicos, o manejo na criação e utilização dos utensílios de barro e suas influências nas danças locais, a arquitetura simples de um marco histórico da cidade, e a tradição das lavadeiras no Rio Gorutuba. Diante disso, demonstrar que o Design pode agir com um papel de ligação da sociedade a essa cultura local, popularizando esse patrimônio.

Palavras Chave: cultura gorutubana; design; território.

Abstract

This paper addresses the traditions of the Gorutubano people, exemplifying the main aspects of this territory that lead to a rich and diverse culture. Through qualitative research involving the collection and interpretation of ethnographic data, the objective is to gather the traditions of Gorutubano culture, describe them, and demonstrate their rich potential for use in Design to rescue and perpetuate customs. This includes the typical Gorutubano embroidery, which has specialties in specific embroidery stitches, the handling in the creation and use of clay utensils and their influences on local dances, the simple architecture of a historical landmark of the city, and the tradition of the washers in the Gorutuba River. Therefore, it aims to demonstrate that Design can play a role in connecting society to this local culture, popularizing this heritage.

Keywords: gorutubana culture; design; territory.

1 Introdução

O conceito de Design que há alguns anos atrás era chamado de Desenho Industrial, evoluiu muito nos últimos tempos, como Krucken (2009, p.2) evidencia: “Diversos fatores contribuíram para a ampliação do foco projetual do Design ao longo do tempo. Inicialmente centrado no projeto de produtos físicos, seu escopo vem evoluindo em direção a uma perspectiva sistêmica”. A partir dessa ampliação, o Design se mostra cada vez mais rico em possibilidades de soluções para diversas questões.

Em um contexto de globalização o Design evoluiu da produção em massa de grande quantidade de um mesmo produto para um mercado nichado com maior flexibilidade produtiva em uma diversidade de modelos de negócio (CARDOSO, 2012). “Diante desta realidade, o design, como uma disciplina dinâmica, se redesenha e ganha novos contornos e novas abordagens, visando tornar-se mais atual e adequado ao momento presente (PINTO, 2021, p. 136).

O olhar sobre o território e todas as condições que influenciam a criação humana que dele reverbera é uma das possibilidades em que o Design tem se voltado a atuar. “O design vem sendo reconhecido, cada vez mais, como ferramenta estratégica para a valorização produtos locais, por promover o reconhecimento e a preservação de identidades e culturas regionais” (KRUCKEN, 2009, p. 3), em que os produtos locais são como o fruto de ações da comunidade de certo território, os quais são de extrema importância a valorização para benefício da comunidade que os produz.

O Instituto Brasileiro de Geografia Estatística (IBGE) divide o estado de Minas Gerais em 12 mesorregiões, entre elas a do norte de Minas, que contém atualmente 89 municípios (GOV.MG, 2024), sendo dentre eles o município de Janaúba, foco do presente estudo.

A cidade de Janaúba fica “na área mineira do Semiárido brasileiro e na microrregião da Serra Geral de Minas, da qual é a cidade polo”, segundo dados da Prefeitura de Janaúba (2024). Tendo o nome de origem indígena, Janaúba significa planta leitosa, mas que popularmente é conhecida como Algodão de Seda (*Calotropis procera*) (fig. 1), que teve suas terras habitadas primeiramente por um povo cafuzo ou caboré, mescla de indígenas tapuias e negros quilombolas fugidos da escravidão que, ao encontrarem a terra fértil banhada pelo Vale do Gorutuba, se estabeleceram na região, tornando-se conhecidos como Gorutubanos (Prefeitura de Janaúba, 2024). Assim, a comunidade foi crescendo e em 1949 tornou-se oficialmente a cidade de Janaúba.

Figura 1 - Planta Janaúba



Fonte: Ana Maria Vasconcelos Cunha (2024).

A cultura Gorutubana segue a configuração de uma comunidade comum, surgida na periferia de uma cidade que se caracteriza, como um lugar desigual para quem está à margem. Todavia, o povo Gorutubano possui em sua história elementos notáveis passíveis de se tornarem patrimoniados como bem oral e histórico da cidade (ANJOS, 2018). Entre eles, se destacam a vestimenta e o bordado gorutubano, além do costume de lavar as roupas no Rio Gorutuba que engloba pequenas tradições no seu fazer.

A cultura desse povo é de extrema riqueza, com detalhes que há muito tempo fazem parte da sua história moldando os hábitos e produções dos habitantes da cidade e região. A proposta da presente pesquisa é levantar as produções de itens materiais icônicos tradicionais da cultura gorutubana. Produtos e processos que uma vez foram criados por necessidade pelos antepassados, hoje são considerados a tradição de uma localidade, que nesta pesquisa serão reunidos, detalhados e analisados.

2 Metodologia

O trabalho é uma pesquisa de abordagem qualitativa que envolve as etapas de (i) pesquisa/levantamento de dados e (ii) análise e interpretação dos dados (MARCONI; LAKATOS, 2022) de cunho etnográfico, para “descrever o entendimento e o conhecimento compartilhados pelo integrantes de um grupo que orientam seu comportamento em um contexto específico” (MARCONI; LAKATOS, 2022, p. 307), em que o principal foco é o estudo da cultura material como reflexo do comportamento do povo Janaubense descendente dos Gorutubanos, através da observação.

De maneira geral, o estudo foi dividido em quatro etapas. Primeiramente, foi realizada a pesquisa bibliográfica a partir de artigos, livros e documentos relacionados à cidade de Janaúba e sua história e à história dos primeiros povos da região, os chamados Gorutubanos.

Na segunda etapa da pesquisa foram feitas visitas à cidade para coleta de imagens de locais, tradições, entre outros aspectos da região que foram citados e precisavam ser exemplificados neste presente artigo, além da conferência de informações importantes que aqui estão sendo abordadas. Paralelamente, o terceiro passo acontece com a análise do material coletado, selecionando e organizando as informações mais relevantes a serem apresentadas. E por fim, o quarto e último passo é a redação do presente artigo.

As apresentações do povo Gorutubano e suas tradições aqui expostas, encontram diversas formas de serem utilizadas para pesquisa pelo Design, já que quando se trata da expressão sociocultural de um povo os resultados de análise são diversos. “A valorização dos saberes manuais há muito permeia projetos de design das mais diversas formas. Afinal, o artesanato é uma atividade amplamente difundida no Brasil e um campo fértil para atividades projetuais e de inovação como é o caso do design, mas não só dele” (Souza; De Bernardi; Benatti, 2022, p. 4797).

3 Resultados

Os resultados apresentados neste estudo se referem à pesquisa documental e bibliográfica, com especial atenção aos dados disponibilizados pela própria Prefeitura de Janaúba, que mantém uma importante base de conhecimento sobre a história e cultura local.

Ressalta-se também o papel do Espaço Cultural Central do Brasil, presente no município, que mantém em sua estrutura um local para leitura e estudo, biblioteca, salas climatizadas, palco para atividades recreativas, sala de informática e pátio com mesas para estudo. Na parte da biblioteca, existe um pequeno acervo com documentos, livros, artigos e teses antigas sobre a história da cidade e de seu povo, além do livro “Kuruatuba: Do vale do Gorutuba a Janaúba” que reuniu diversas informações em um só lugar. No pátio, o local oferece cursos gratuitos à comunidade, de artesanato com fibra de bananeira, crochê, modo de fazer da blusa gorutubana, pintura em tela e tecido, violão, canto e coral. Contando em toda a sua decoração com pinturas e esculturas referentes à cultura gorutubana, o local é uma verdadeira demonstração das tradições da cidade, este espaço, “tem como propósito unir saberes e reunir pessoas num ambiente cultural no centro da cidade, nos espaços para leitura, nas atividades recreativas e culturais” (IFNMG, 2019) .

Ainda, foi feita também a observação, registro fotográfico e pequenas entrevistas aos moradores/trabalhadores locais, em visitas ao centro da cidade, ao Mercado Municipal e à Praia do Copo Sujo.

3.1 Vestuário

O povo Gorutubano, nos primórdios de sua ocupação na região de Janaúba, tinha que se dedicar a ser autossuficiente, vivendo em uma região semiárida, característica do norte de Minas e isolada, para a formação da comunidade de referência para a população local atualmente. Como fonte de renda e utilização própria, eram plantadas diversas culturas, entre elas o algodão, usado principalmente para produção das próprias vestimentas das famílias. Mota (2020, p.6) relata em detalhes como era feito esse processo:

Após a colheita do algodão, as senhoras gorutubanas faziam fios de linha com o mesmo, uma atividade cultural que trouxeram da África a qual chamavam de fiar. Para fiar a linha de algodão, as gorutubanas utilizavam um pequeno instrumento denominado fuso. Após fiarem a linha, elas utilizavam os fios para tecerem por meio de uma máquina feita de madeira chamada tear.

Feitas de madeira e de forma simples, o fuso (fig. 2) e o tear eram companheiros das senhoras da época que, após cuidarem da casa e dos filhos, passavam boa parte do seu tempo produzindo os fios de algodão para depois tecer lençóis, toalhas, cobertores, calças, saias e blusas de características próprias para toda a família.

Figura 2 - Mulher gorutubana fiando o algodão no fuso.



Fonte: Centro de Agricultura Alternativa do Norte de Minas (2016).

Naquele tempo não existiam corantes artificiais, dessa forma, quase todos os tecidos produzidos por essas mulheres eram de cor branca ou preta: “A blusa era leve para enfrentar o calor nortemineiro e mostrava, nos detalhes, o capricho e cuidado com que as gorutubanas faziam suas vestimentas” (Mota, 2020, p.7). As saias tinham apenas um elástico na cintura, feitas para serem rodadas e compridas, para os homens eram feitas camisas e calças de algodão largas, tanto as saias como as calças eram tingidas de preto com ajuda da fruta de pau ferro e lama. Mota (2020, p.7) descreve melhor a criação das calças masculinas:

Essa calça, devido à complexidade do processo de confecção, poucas gorutubanas sabiam fazer. Era a calça de tanga com olhinho, que elas chamavam de “tonga de uim”. As linhas tingidas de várias cores, ao serem fiadas, formavam listas ou quadrinhos e, no meio desses quadrinhos, ficava um pontinho que elas chamavam de “uim” (olhinho). Por essa razão, a chamavam de “tonga de uim”.

Diante disso, eles estavam prontos para passeios ou festividades (fig. 3), os homens usavam suas roupas típicas, chapéu de palha e cinto de couro, já as mulheres com suas saias compridas, as blusas delicadamente alvejadas e um lenço na cabeça.

Figura 3 - Pintura de um homem e uma mulher com roupas típicas gorutubanas.



Fonte: pintura de Castro (2007) - Foto: Ana Maria Vasconcelos Cunha (2024).

Aos pés era difícil de se ter algum sapato, andavam quase sempre descalço, pisando na terra seca, ressecando a sola dos pés causando rachaduras, provavelmente daí originou-se a expressão “gorutubano do pé rachado”, expressão essa que por vezes é utilizada de forma pejorativa mas que é a demonstração da história desse povo. Quando havia necessidade de estar calçado, o sapato, ou “precata” como dizem os gorutubanos. Feitos artesanalmente de forma muito simples, o couro de animais abatidos era cortado e fechado e já estavam prontos.

3.2 Bordado Gorutubano

Outrossim, como supracitado, a blusa utilizada pelas Gorutubanas tem detalhes típicos, como o rendado feito à mão que é chamado de bordado Gorutubano. Passado de geração a geração, a maneira de produzir, a forma e o bordado criado por esse povo é considerado uma

tradição da cidade. Antigamente, famílias gorutubanas, logo após o jantar, tinham costume de se reunir, os homens para uma “prosa” e as mulheres para aprenderem a bordar. Ainda crianças, as meninas aprendiam a manejar o fuso e mais velhas, aprendiam a usar o tear podendo começar a confeccionar as vestimentas da família (fig.4).

Figura 4 - Pintura da mãe ensinando a filha a fiar, ambas com a blusa com o bordado gorutubano.



Fonte: pintura de Castro (2007) - Foto: Ana Maria Vasconcelos Cunha (2024)

Haviam algumas diferenças nas roupas usadas para festividades e de uso diário. As usadas no dia-a-dia eram pouco enfeitadas, tendo apenas um reforço em pontos específicos e se estendendo na barra para não atrapalhar no momento de trabalho.

A blusa possuía ainda um reforço sob as axilas e um prolongamento abaixo da cintura; Assim, por mais que as mulheres se movimentassem, como quando equilibravam uma lata d’água sobre a cabeça, a blusa continuava cobrindo o seu corpo (Lacerda, Fonseca e Silva, 2018).

Apesar de, as blusas feitas para festividades também terem esse reforço e prolongamento, ao contrário das usadas no dia-a-dia, tinham grande ornamentação, com bordados e rendas. Costurado a mão nas barras, mangas e no ajunte das peças de algodão e renda, ficando apenas as laterais da roupa costurada à máquina, atualmente (fig. 5). O bordado gorutubano, é caracterizado por sua forma triangular nas bordas, será referenciado aqui como ponto triangular. A utilização de rendas na parte de cima, pontos vazados ao longo da blusa, chamado neste artigo de ponto aberto, e o ponto pequeno e fechado de junção entre a renda e o tecido de algodão, denominado neste artigo por ponto fechado.

Figura 5 - Blusa Gorutubana (à esquerda) e detalhe do bordado com pontos triangular e fechado (à direita).



Fonte: Ana Maria Vasconcelos Cunha (2024).

Não somente, as blusas feitas para festividades, atualmente, contam com alguns tipos de formas, cores e usos, bem como, com ou sem manga, tradicionais na cor branca ou coloridas com botões ou detalhes em renda em diferentes posições, como blusas ou pequenos vestidos para bebês (fig. 6).

Figura 6 - Vestidos para bebês com bordado gorutubano (à esquerda) e detalhe do bordado Gorutubano - Rendas e ponto aberto (à direita).



Fonte: Ana Maria Vasconcelos Cunha (2024).

Nos dias atuais, o Espaço Cultural Central do Brasil em Janaúba oferece cursos de diversos tipos como supracitado, e dentre eles há o ensino do bordado gorutubano. O curso acontece durante as tardes para qualquer pessoa que deseje e se inscreva. As turmas têm entre 10 a 12 pessoas, quase sempre mulheres, que se sentam em cadeiras simples em roda ou junto de mesas e com o auxílio de uma professora, aprendem a bordar as blusas gorutubanas. Vale ressaltar a importância da promoção do conhecimento sobre o fazer artesanal de uma localidade. Quando não há uma preocupação institucionalizada, como no caso do referido Centro Cultural por

exemplo, o conhecimento pode acabar por se perder. Em especial pela “falta de diálogo intergeracional e a exclusão dos idosos da vida social pode acarretar a perda de muitos saberes da cultura material e imaterial” (Souza; De Bernardi; Benatti, 2022, p. 4797).

Ao serem questionadas sobre quanto tempo levam para bordarem uma peça, as participantes do curso responderam quase juntas que era bem demorado por ser um processo totalmente artesanal, uma delas relatou: *“Quem aprende isso daqui (referindo-se ao ponto do bordado gorutubano), vai direto para o céu, porque ô trem difícil”*.

Elas também mostraram e descreveram que primeiro as laterais das blusas são costuradas na máquina, para juntar a parte da frente e das costas, depois todo o resto da blusa é feito a mão, começando pela costura das tiras das rendas, que elas também aprendem a fazer no curso, junto ao tecido da blusa o qual utiliza do ponto fechado.

Em seguida, o ponto triangular (fig. 7) é usado para finalização da barra, das pontas das mangas e do colarinho, segundo elas, esse momento é o que mais demora e deve ser feito separado. Pegam uma tira de tecido de algodão dobrado ao meio, que na ponta aberta é recortado no formato dos triângulos, a partir daí vai sendo fechado um lado da tira a outra, costurando com um ponto bem pequeno feito muito próximo um do outro. Depois de terminada essa costura, a tira é finalmente costurada junto ao resto da blusa, utilizando-se de outro ponto típico, o ponto aberto, que diferentemente do ponto triangular, deixa pequenos espaços entre cada ponto, formando uma costura com pequenos furos. Esse ponto aberto, é utilizado para juntar os pontos triangulares em outras partes da extensão da blusa, em alguns momentos ele também aparece para costurar as mangas ou até mesmo no meio das blusas como forma de ornamentação.

Figura 7 - Mulher bordando o ponto triangular.



Fonte: Ana Maria Vasconcelos Cunha (2024).

Borges (2011) destaca ações do Design em diálogo com o artesanato. Entre elas é apontada a possibilidade do designer orientar melhorias de condições técnicas em uma produção artesanal, que têm similaridade com o tipo de conhecimento oferecido pelo curso de bordado. Além da promoção do conhecimento regional, a formalização do ensino do bordado em curso garante que a técnica seja passada seguindo a forma tradicional do fazer, em especial no que se refere à sua qualidade. Assim, são desenvolvidos e ensinados critérios de qualidade de produção e

acabamento.

3.3 Utensílios

Quando decidiram se fixar às margens do rio Gorutuba, os Gorutubanos, que eram descendentes de ex-escravos e indígenas da região, para sua sobrevivência começaram a usar os conhecimentos recebidos de seus antepassados, na hora de plantar seus alimentos, mas também em como melhorar sua vivência numa área tão remota.

Os artefatos revelam hábitos, valores, conhecimentos, conceitos e necessidades que analisadas em conjunto permitem compreender o processo da evolução da humanidade. Como testemunhas silenciosas de uma civilização, os artefatos representam sua cultura, não apenas a material, mas também aspectos da cultural imaterial como os modos de fazer, as formas de organização e gestão do que se produz (CAVALCANTI; ANDRADE; SILVA, 2013, p. 78).

Muitos Gorutubanos sabiam manusear a argila, que era retirada das margens do rio, e a utilizavam para criação de utensílios de casa, como pratos, panelas e potes. Os produtos gerados eram utilizados para atividades domésticas, para coleta de água no rio (fig. 8), ou como moeda de troca em cidades/povoados próximos. Com o passar dos anos, foram se aperfeiçoando nessa arte, e atualmente muitos utilizam como forma de artesanato para fins decorativos.

Figura 8 - Estátua de Gorutubana com pote de barro na cabeça (à esquerda) e mulher em “dança do pote” (à direita).



Fonte: escultura: Castro (2007) - Foto: Ana Maria Vasconcelos Cunha (2024) (direita) e Associação Quilombola Bem Viver de Vila Nova dos Poções (esquerda).

Os potes variam de tamanho mas apresentam morfologia comum com base esférica que ocupa de dois terços a três quartos da altura total do pote, e topo com abertura circular. Além de se propor ao uso de armazenar água, quando associado a um tecido torcido posicionado na cabeça, fica firme o bastante para que se transporte essa água, nas mãos das habilidosas mulheres gorutubanas.

O aprimoramento da técnica de trabalho da cerâmica, aliado à popularização do seu uso,

demanda da comunidade não apenas a produção artesanal, mas também a atuação no comércio. No contexto da análise projetual do design, é voltada a “atenção para uma outra perspectiva de produção e comércio de bens e serviços que possa congrega lucratividade com o respeito à qualidade de vida e necessidades humanas” (Souza; Factum, 2009, p.127). Considera-se então, que antes de se pensar nas potencialidades de inovação de uma técnica, é importante respeitar a tradição produtiva e forma de comercialização naquela localidade.

Uma tradição importante, que ajudou a popularizar e tornar o pote de barro ícone representativo da região, é a “Dança do Pote”(fig. 8), dança típica praticada nos casamentos gorutubanos. Mota (2020, p. 10) descreve melhor essa tradição que é passada de geração a geração:

Essa dança consiste em manter o equilíbrio por muito tempo, até o pote cair. A mulher dança com um pote na cabeça. Ao cair e quebrar, esse pote revela uma surpresa ao público. Na maioria das vezes o pote possui balas ou outros tipos de guloseimas que atraem a atenção das crianças e dos adultos.

Um ponto importante para a cultura Gorutubana é justamente essas danças típicas, além da dança do pote, ainda existem a dança do sapateado, dança do batuque, e a dança da roxa, essa última, acontecia antigamente nos casamentos, é de origem africana trazida pelos antepassados escravos. É uma dança em que as mulheres não podiam participar, um homem se vestia como uma mulher com as roupas típicas gorutubanas e interpretava a “roxá” que acenava para todos ali, os demais deviam tentar enlaçá-la enquanto sapateavam e cantavam “*Segura a roxa, senão vai embora, a roxa é minha senhora*”, e a “roxá”, o homem vestido de mulher, deveria fugir de cada um deles.

3.4 Arquitetura

Quando ainda era uma comunidade, sob a liderança do Sr. Antônio Catulé foi construída uma pequena capela católica, no que seria a futura praça Dr. Rockert, como descreve Mota (2020, p. 21). Chamada de Capela do Senhor do Bom Jesus é uma construção simples, retangular, pintada de branco com suas portas e janelas na cor azul. Considerada a primeira construção oficial da cidade, um marco histórico, a capela resiste até hoje sendo usada apenas em celebrações especiais (fig. 9), onde a comunidade se reúne para celebrar alguma festa católica com barraquinhas de comidas típicas nas ruas nos arredores.

Figura 9 - Capela do Senhor do Bom Jesus.



Fonte: Ana Maria Vasconcelos Cunha (2024)

A capela, como outras construções mais tradicionais da cidade, segue o estilo arquitetônico tendo apenas um pavimento, com pintura branca e aplicação de cor nos contornos da base, de portas e janelas.

A região do norte de Minas Gerais conta com um rico patrimônio cultural material e imaterial oriundo da miscigenação cultural cuja arquitetura histórica faz parte da criação da identidade, da tradição, da história e dos costumes da cidade em que se insere (ANJOS, 2016).

3.5 Lavadeiras

O uso das melhores e mais limpas roupas em ocasiões especiais é um costume antigo da humanidade. “Apresentar-se socialmente com roupas adequadas fazia parte de um sistema de distinção social profundamente entranhado na sociedade do século XIX” (Monteleone, 2019, p.1). As gorutubanas usam as suas blusas para festividades, demonstrando no bordado próprio e na cor extremamente branca, o cuidado que tem em cada peça. Por conta disso, aproveitando que moravam nas redondezas do Rio Gorutuba, as mulheres arrumavam suas trouxas de roupas, colocavam em cima das cabeças e seguiam para as águas do rio, e lá com água até na cintura, lavavam suas roupas utilizando mesas improvisadas para bater e ensaboar as peças.

O trecho do trabalho de Mota (2020, p. 43) diz que “O trabalho das lavadeiras é conhecido mais de perto, desde a década de 1930, mas sabemos que desde o Vale do Gorutuba, no século XVIII, já seria uma prática”. Percebe-se que lavar as roupas no rio Gorutuba tornou-se um costume, e vale acrescentar que se perpetua até os dias atuais, onde mulheres ainda aproveitam que o rio passa por dentro da cidade para usá-lo como instrumento para geração de renda e uso próprio (fig. 10-a).

Figura 10 - (a) Mulheres lavando roupas no Rio Gorutuba e (b) estrutura de alvenaria utilizada para lavagem de roupas.



(a)



(b)

Fonte: Ana Maria Vasconcelos Cunha (2024).

Muitas mulheres usam principalmente a Praia do Copo Sujo como ponto de encontro para essa atividade, que acontece geralmente bem cedo pela manhã. Antigamente, como supracitado, elas colocavam suas trouxas de roupas sobre a cabeça, mas atualmente elas fazem uso de

bicicletas ou carrinhos de mão para o transporte. Ao chegar ao Copo Sujo, elas escolhem e utilizam uma das mesas improvisadas como base para o trabalho, que atualmente são feitas de alvenaria (fig. 10-b). Depois de lavar, as roupas são esticadas na grama às margens do rio para secar e quicar ao sol.

Mais do que apenas uma necessidade de lavar as roupas, o trabalho das lavadeiras se tornou uma tradição importante que caracteriza o povo gorutubano. Enquanto lavam, as mulheres conversam e cantam músicas típicas que trazem nas letras a descrição de sua rotina de trabalho.

Tais músicas se tornaram representativas e encontram gerações mais novas em momentos de popularização da cultura local, como no caso do projeto de extensão “Cantando o Gorutuba” do Instituto Federal do Norte de Minas Gerais (IFNMG), em que são cantadas e representadas a lavagem de roupas (fig. 11).

Figura 11 - Projeto de extensão do IFNMG de popularização da cultura gorutubana.



Fonte: Instituto Federal do Norte de Minas Gerais (IFNMG) - Campus Janaúba

No caso da cidade de Almenara, também no norte de Minas Gerais, as canções das lavadeiras saíram das margens dos rios e tomaram forma com gravações para CD¹. Algumas dessas mulheres formaram coral e até se apresentaram para grandes públicos.

As canções versam sobre temas diversos, mas muitas reproduzem o fazer da lavagem de roupas, indicando os materiais e até com gestos que simulam a ação de lavagem².

4 Valorização da cultura local

Analisar os recursos locais, que no presente estudo são tratados como materialidades icônicas da cidade de Janaúba e do povo Gorutubano, é o início de uma, entre diversas atuações possíveis, para a ação do Design na valorização do território.

Borges (2011) classifica cinco principais atuações de profissionais do design em trabalhos para a valorização da produção artesanal de uma localidade. São elas:

- Melhoria de condições técnicas: quando são determinados padrões de qualidade de

¹ Batukim Brasileiro – O Canto das Lavadeiras – Carlos Farias:

<https://sonhosesons.com.br/produto/batukim-brasileiro-o-canto-das-lavadeiras-carlos-farias/>

² Vídeo Canção das Lavadeiras do Rio Gorutuba - Virginia Maria de Jesus:

<https://www.youtube.com/watch?v=8ijmyNwq9To>

produção e acabamento de produtos;

- Uso dos materiais locais: observar a vocação de um local aproveitando a disponibilidade de matérias-primas e técnicas de trabalho específicas da região;
- Identidade e diversidade: criação de uma linguagem visual dos produtos ali desenvolvidos;
- Construção de marcas: criação de marcas com elementos de comunicação definidos a partir dos conceitos próprios da localidade que auxiliem na valorização do fazer;
- Artesãos como fornecedores: quando o designer inicia uma relação como cliente para um artesão que se torna fornecedor, atendendo a pedidos específicos;

Mol (2017), ao analisar potencialidades de territórios voltados para o setor gastronômico, aborda também quatro atuações de maneira mais abrangente.

O designer pode contribuir para a valorização de recursos locais de várias formas: a) como prestador de serviços, num modelo convencional de desenvolvimento de projeto (por exemplo, de uma embalagem); b) como estrategista, através do desenvolvimento de estratégias de intermediação e comunicação de produtos [...] com alto valor sociocultural; c) como artesão e produtor, na produção artesanal de produtos [...]; e d) como pesquisador, na condução de pesquisas acadêmicas e divulgação dos recursos do território (Mol, 2017, p. 108).

Destrinchar os aspectos históricos de uma localidade e observar sua manifestação material e cultural dá vantagem para o futuro trabalho de designers para atuarem na valorização destes aspectos regionais. O design pode incorporar valores à produtos, produzindo identidades fortes que se comunicam diretamente com todos que carregam a memória local. Utilizando processos criativos e técnicas particulares da profissão é possível inovar em cenários menos usuais, não balizados por uma produção industrial ou determinantemente urbana.

Por toda a cidade de Janaúba, se pode encontrar algum traço da sua história, seja pela vivência dos mais velhos, pela arquitetura antiga, ou pelas tradições e bens materiais, este último que é feito totalmente de forma artesanal e que mesmo com a influência da prefeitura da cidade na sua divulgação, não é amplamente falado e referenciado fora da região, mesmo tendo sido exposto em feiras regionais, a cultura gorutubana ainda é de conhecimento de uma pequena parcela da população mineira. O Design, com suas diferentes frentes de ação, acima citadas, pode desenvolver além de melhorias das condições técnicas, vendo que atualmente as aulas dos cursos acontecem ao ar livre e de forma improvisada por cadeiras e mesas que estão disponíveis, mas também de uma estratégia de comunicação a essas tradições que atraia mais pessoas.

5 Conclusão

Em suma, nota-se que a cidade de Janaúba é cercada pelas tradições gorutubanas, desde as roupas típicas, que originaram o bordado Gorutubano, até a tradição das lavadeiras, o passado se faz presente na atualidade.

Salienta-se, a forma como a Prefeitura local se dispõe a guardar e promover essa cultura, em como, sempre nas festividades da antiga Igrejinha ou de comunidades espalhadas pela cidade, ainda se nota a presença das roupas típicas; em como, festividades como o São João Gorutubano são divulgados e preparados; e pelo cuidado na preservação do local do Espaço Cultural que conta

com um acervo e exposição de obras sobre a história desse povo.

Na cultura norte mineira se destaca as tradições Gorutubanas, estas que têm potencial para serem exploradas pelo design como forma de popularizar esse patrimônio, ajudando na valorização e perpetuação dos costumes, fomentando a produção cultural local e estabelecendo uma relação entre a sociedade brasileira e o conhecimento do povo gorutubano.

6 Referências

ANJOS, Anderson Ricardo dos. **Onde repousa o berço das Gerais**: reflexões e perspectivas acerca da preservação do patrimônio cultural em Matias Cardoso-MG. Dissertação (mestrado) - Universidade Federal de Uberlândia, Programa de Pós-graduação em Arquitetura e Urbanismo - 2016. Disponível em: <https://repositorio.ufu.br/handle/123456789/18222> Acesso em: 06 junho 2024.

ANJOS, Hellen, Vivian Moreira dos. **Cantando o Gorutuba**. EDITAL Nº. 01/2018-PROEX/IFNMG. IFNMG - CAMPUS AVANÇADO JANAÚBA (MG): Projeto de Extensão, [S. l.], 2018. Disponível em: <https://www.ifnmg.edu.br/programas-jan/pibiti/459-portal/projetos-de-extensao/18802-projetos-de-extensao-campus-janauba-2018>. Acesso em: 15 maio 2024.

BORGES, Adelia. **Design + artesanato**: o caminho brasileiro. São Paulo: Editora Terceiro Nome, 2011.

CARDOSO, Rafael. **Design para um mundo complexo**. São Paulo: Cosac Naify, 2012.

CAVALCANTI, Virginia; ANDRADE, Ana Maria de; SILVA, Germannya. **Design, sustentabilidade e artesanato**: reflexões e práticas metodológicas. In: Cadernos de Estudos Avançados em Design: Design e Sustentabilidade I, 2. ed. - Barbacena, MG: EdUEMG, 2013.

GOV.MG. **GOVERNO DE MINAS GERAIS**. Estado. Localização Geográfica. [S. l.], 2024. Disponível em: <https://www.mg.gov.br/pagina/geografia>. Acesso em: 13 maio 2024.

IFNMG. **Espaço Cultural Central do Brasil, em Janaúba, tem o propósito de valorizar a cultura, a arte e o conhecimento**. Porta do Instituto Federal do Norte de Minas Gerais. 21 de julho de 2019. Disponível em: <https://www.ifnmg.edu.br/noticias-jab/noticias-2019/21827-espaco-cultural-central-do-brasil-em-janauba-tem-o-proposito-de-valorizar-a-cultura-a-arte-e-o-conhecimento> Acesso em: 23 maio 2024.

KRUCKEN, Lia. **Design e território**: uma abordagem integrada para valorizar identidades e produtos. Anais do 2º Simpósio Brasileiro de Design Sustentável. São Paulo: Anhembi Morumbi 2009. Disponível em: https://www.researchgate.net/publication/215640422_Design_e_territorio_uma_abordagem_integrada_para_valorizar_identidades_e_produtos_Design_and_territory_of_origin_an_integrated_approach_for_the_valorization_of_identities_and_products Acesso em: 21 maio 2024.

LACERDA, Danielle Christine Prado Borba; FONSECA, Maria Clarissa Araújo; SILVA, Adriana Mikaelly Soares. **Processo de registro do modo de fazer da blusa Gorutubana**. Prefeitura de Janaúba - MG. Ano 2018 – Exercício 2020.

MARCONI, Marina de Andrade; LAKATOS, Eva Maria. **Metodologia científica**. Barueri: Atlas, 2022.

MOL, André. **A importância do design para promover a economia criativa**: possibilidades de

atuação do designer na valorização de recursos locais. In: Territórios criativos: design para a valorização da cultura gastronômica e artesanal. Belo Horizonte: Editora Atafona, 2017.

MOTA, Lílian Claudine M. G. **Kuruatuba**: Do vale do Gortuba a Janaúba - Uma viagem pela história da cidade de Janaúba. [S. l.: s. n.], 2020. Disponível em: <https://janauba.mg.gov.br/public/storage/publicacoes/cultura/kuaratuba-de-gameleira-a-janauba.pdf>. Acesso em: 15 maio 2024.

MONTELEONE, Joana de Moraes. **Costureiras, mucamas, lavadeiras e vendedoras**: O trabalho feminino no século XIX e o cuidado com as roupas (Rio de Janeiro, 1850-1920). Revista Estudos Feministas, v. 27, p. e48913, 2019.

PINTO, Laura de Souza Cota Carvalho Silva. **Design e sustentabilidade na prática**: a valorização do território como uma possibilidade. In: Ecovisões projetuais: pesquisa em design e sustentabilidade no Brasil - volume 2. São Paulo: Blucher, 2012. Disponível em: https://www.blucher.com.br/ecovisoes-projetuais-pesquisas-em-design-e-sustentabilidade-no-brasil-volume-2_9786555500493 Acesso em: 21 maio 2024.

PREFEITURA DE JANAÚBA. Município. **Cidade de Janaúba - Dados Gerais**. [S. l.], 2024. Disponível em: <https://janauba.mg.gov.br/cidade/dadosgerais>. Acesso em: 13 maio 2024.

SOUZA, Paulo Fernando de Almeida; FACTUM, Ana Beatriz Simon. **O papel do design na promoção do Comércio Justo e Solidário**. In: Cultura visual - PPGAV-EBA-UFBA - ano 1, n. 1. Salvador: EDUFBA, 2009.

SOUZA, Tatiana de Castro e; DE BERNARDI, Andreia Menezes; BENATTI, Lia Paletta. **Costurando memórias**: abordagens da ética e do design na valorização do saber-fazer. In: Anais do 14º Congresso Brasileiro de Pesquisa e Desenvolvimento em Design. São Paulo: Blucher, 2022. Disponível em: <https://www.proceedings.blucher.com.br/article-details/costurando-memrias-abordagens-da-tica-e-do-design-na-valorizacao-do-saber-fazer-38159> Acesso em: 05 junho 2024.